

CARAMBAIA

A
SAGA
DE
GOSTA
BERLING

POSFÁCIO * MARGUERITE YOURCENAR
TRADUÇÃO * GUILHERME DA SILVA BRAGA

SELMA
LACGERLLOF

7	PRÓLOGO I: O PASTOR	241	A BRUXA DE DOVRE
15	PRÓLOGO II: O MENDIGO	246	O SOLSTÍCIO DE VERÃO
27	O PANORAMA	250	A SENHORITA MÚSICA
31	A NOITE DE NATAL	256	O PASTOR DE BROBY
42	A CEIA DE NATAL	261	O PATRÃO JULIUS
52	GÖSTA BERLING, O POETA	267	OS SANTOS DE BARRO
64	LA CACHUCHA	274	O ANDARILHO DE DEUS
68	O BAILE EM EKEBY	285	O CEMITÉRIO DA IGREJA
85	OS ANTIGOS VEÍCULOS	289	AS ANTIGAS CANÇÕES
99	O GRANDE URSO NO MONTE GURLITA	299	A MORTE LIBERTADORA
112	O LEILÃO EM BjörNE	307	A SECA
137	A JOVEM CONDESSA	319	A MÃE DA CRIANÇA
159	HISTÓRIAS DE FANTASMAS	327	AMOR VINCIT OMNIA
171	A HISTÓRIA DE EBBA DOHNA	333	A MENINA DE NYGÅRD
188	MADemoISELLE MARIE	346	KEVENHÜLLER
198	O PRIMO KRISTOFFER	357	O MERCADO DE BROBY
203	OS CAMINHOS DA VIDA	365	A PEQUENA PROPRIEDADE NA FLORESTA
215	A EXPIAÇÃO	379	MARGARETA CELSING
225	O FERRO DE EKEBY		
236	A CASA DE LILJECRONA	394	POSEFÁCIO * MARGUERITE YOURCENAR

PRÓLOGO I: O PASTOR

ENFIM O PASTOR ESTAVA NO PÚLPITO.

As cabeças da congregação se ergueram. Ah, finalmente estava lá! O culto não seria cancelado naquele domingo, como fora no domingo anterior e em muitos outros.

O pastor era jovem, alto, esbelto e tinha uma beleza radiante. Com um elmo na cabeça, uma espada e uma armadura, seria possível esculpi-lo em mármore e tomá-lo como o mais belo filho de Atenas.

Ele tinha o olhar profundo de um poeta e o queixo determinado e firme de um general; tudo nele era belo, delicado, expressivo, permeado pela bondade e pela espiritualidade.

As pessoas da igreja sentiram-se estranhamente subjugadas ao vê-lo. Era mais costumeiro que saísse da taverna na companhia de gente alegre e camarada como Beerencrutz, o coronel de farto bigode grisalho, e o robusto capitão Kristian Bergh.

Havia bebido tanto que por muitas semanas não pudera cumprir seus deveres, e a congregação fora obrigada a registrar uma queixa formal sobre isso, primeiro ao preboste e depois ao bispo e à catedral. Naquele momento, o bispo tinha chegado à paróquia para fazer um inquérito rigoroso. Estava sentado no coro, com a cruz de ouro no peito, rodeado pelos pastores escolares de Karlstad e outros de congregações das vizinhanças.

Não havia dúvida de que o comportamento do pastor havia ultrapassado os limites do permitido. Naquela época, na década de 1820, as pessoas eram tolerantes com a bebida, mas esse homem tinha negligenciado as obrigações religiosas em nome da bebedeira e estava a ponto de perder o posto que ocupava.

O pastor aguardava no púlpito enquanto o último verso do salmo era entoado.

Enquanto estava lá, foi tomado de repente por uma certeza, uma certeza de que tinha somente inimigos na igreja, inimigos em todos aqueles bancos. Os senhores na galeria, os camponeses na parte baixa da igreja, os garotinhos no coro eram todos inimigos, somente inimigos. Era um inimigo que operava o órgão, um inimigo que o tocava. No banco dos sacristãos, ele tinha inimigos. Todos o odiavam, até mesmo as crianças pequenas levadas para a igreja, até mesmo o vigia da igreja, um soldado rígido e austero que servira em Leipzig.

O pastor sentiu vontade de prostrar-se de joelhos e implorar por misericórdia.

Mas no instante seguinte uma fúria silenciosa se abateu sobre ele. Lembrou-se de como tudo havia se passado quando, um ano antes, ocupara o púlpito pela primeira vez. Ele tinha sido um homem irrepreensível naquela época, e agora estava lá, encarando o homem com a cruz de ouro no pescoço, que havia chegado para julgá-lo.

Enquanto lia o introito, ondas de sangue subiam-lhe ao rosto, uma atrás da outra: era a fúria.

Era verdade que havia bebido, mas quem poderia acusá-lo por isso? Por acaso tinham visto a casa pastoral onde ele era obrigado a morar? Com a inóspita e escura floresta de espruces junto à janela? A umidade pingava do telhado preto e escorria pelas paredes emboloradas. Não entendiam que a aguardente era necessária para manter o moral elevado quando a chuva e as nevascas entravam por vidraças partidas, quando a terra malcuidada negava-se a oferecer pão suficiente para afastar a fome?

Ele imaginava ser o sacerdote que aquela gente merecia. Afinal, todos bebiam. Por que só ele haveria de exercer a temperança? O homem que enterrou a esposa não encheu a cara de cerveja, após o funeral? O pai que batizou o filho não promoveu uma bebedeira logo depois da cerimônia? Os paroquianos bebiam no caminho de volta da igreja, e a maioria já estava bêbada quando chegava em casa. Um pastor bêbado seria ótimo para aquela gente.

Foi nas visitas pastorais, quando, com um sobretudo fino, viajava léguas por lagos congelados, onde todos os ventos enregelantes se encontravam, foi no balanço enfrentado em pequenas embarcações nesses mesmos lagos, sob chuvas e tormentas, foi nas intempéries, quando precisava descer do trenó e puxar o cavalo por montes de neve da altura de casas, ou ainda quando passava a vau em meio aos charcos da floresta, foi nessas ocasiões todas que ele tomara gosto pela aguardente.

O ano se arrastava em uma pesada melancolia. Camponeses e senhores passavam o dia com os pensamentos presos à terra, mas à noite todos os espíritos desfaziam-se dos grilhões, libertados pela aguardente. Os impulsos afloravam, o coração se acalentava, a vida tornava-se radiante, a música soava, as rosas emanavam perfume. A taverna da estalagem havia se tornado para ele um jardim de flores no sul: uvas e azeitonas pairavam acima de sua cabeça, bases de mármore reluziam em meio à folhagem escura, sábios e poetas vagavam sob as copas de palmeiras e plátanos.

Não; ele, como pastor no púlpito, sabia que sem aguardente a vida não podia ser vivida naquele fim de mundo; todos os ouvintes sabiam disso, e mesmo assim queriam julgá-lo.

Queriam tirar-lhe a batina porque havia entrado bêbado na casa de Deus. Ah, mas será que toda aquela gente acreditava, será que queriam mesmo acreditar que havia outro Deus além da aguardente?

Ele terminou de ler o introito e ajoelhou-se para rezar o pai-nosso.

O silêncio foi tanto que não se ouviam sequer as respirações durante a oração. Mas de repente o pastor segurou firme, com as duas mãos, a faixa que envolvia a batina. Pareceu-lhe que a congregação inteira, com o bispo à frente, se aproximava do púlpito para arrancar-lhe a batina. Estava de joelhos e não virou a cabeça, mas pôde sentir que o puxavam, e viu a todos com enorme clareza, tanto o bispo como os pastores escolares, os prebostes, os sacristãos, o sineiro e a congregação inteira em uma longa fila de pessoas que o agarravam e o sacudiam a fim de lhe tirar a batina. E ele imaginou vividamente que todas aquelas pessoas, que o puxavam com grande ímpeto, haveriam de cair umas por cima das outras, escada abaixo, tão logo a batina se soltasse. E toda a fileira seguinte, que não havia segurado a batina, mas apenas a bainha do casaco, também haveria de cair.

Viu tudo isso com tanta clareza que chegou a sorrir, prostrado de joelhos, embora ao mesmo tempo sentisse um suor frio brotar-lhe da testa. Tudo aquilo era deveras sinistro.

Então agora ele se tornaria um pária em função da aguardente! Seria um pastor destituído. Haveria na terra coisa mais miserável?

Seria um mendigo à beira da estrada, dormiria bêbado na sarjeta, andaria vestido em andrajos, na companhia de vagabundos.

A oração chegou ao fim. Ele deveria começar a ler o sermão. Mas de repente ocorreu-lhe um pensamento que deteve as palavras em seus

lábios. Pensou que aquela seria a última vez que ocuparia o púlpito a fim de proclamar a glória de Deus.

Pela última vez – esse pensamento tomou conta do pastor. Esqueceu-se de tudo relacionado à aguardente e ao bispo. Pensou que precisava aproveitar a ocasião e oferecer um testemunho da glória de Deus.

Imaginou que o chão da igreja, com todos os ouvintes, afundava, afundava cada vez mais, e que o teto da igreja se abria, e que de repente ele podia olhar para o céu. Estava sozinho, completamente sozinho no púlpito, e seu espírito elevou-se rumo ao céu revelado nas alturas, sua voz tornou-se forte e vasta, e ele proclamou a glória de Deus.

Estava inspirado. Renunciou ao que tinha escrito; os pensamentos acudiam-lhe como uma revoada de pombas dóceis. Sentia como se não fosse ele próprio falando, mas também compreendia que aquilo era o que havia de mais sublime em toda a terra, e que ninguém poderia chegar mais longe em majestade e esplendor do que ele, que de lá proclamava a glória de Deus.

Enquanto a língua de fogo da inspiração chamejava, ele falou, mas, assim que essa língua se apagou e o teto voltou a fechar-se sobre a igreja e o chão a se erguer das profundezas em que havia afundado, ele baixou a cabeça e chorou, pois acreditava que a vida já lhe havia oferecido seu grande momento, e que esse havia passado.

Ao fim do culto deram-se a inspeção e a assembleia. O bispo perguntou à congregação se alguém tinha qualquer tipo de queixa contra o pastor.

O pastor não estava mais furioso e renitente como antes do sermão. Naquele instante, envergonhou-se e baixou a cabeça. Ah, todas as terríveis histórias de bebedeira que haveriam de vir à baila!

Mas não surgiu nenhuma. Todos se mantiveram em absoluto silêncio ao redor da grande mesa paroquial.

O pastor ergueu o rosto: primeiro olhou para o sineiro; não, ele estava calado; depois para os sacristãos; e por fim olhou para os camponeses e os patrões das fundições. Todos estavam calados. Tinham os lábios apertados e olhavam levemente constrangidos para a mesa.

“Com certeza estão à espera de que alguém comece”, pensou o pastor.

Um dos sacristãos pigarreou.

– Na minha opinião, temos aqui um pastor excepcional – disse.

– O reverendo bispo ouviu como ele conduz a pregação – acrescentou o sineiro.

O bispo fez um comentário qualquer sobre os frequentes cancelamentos dos cultos.

– O pastor tem o direito de adoecer, como todo mundo – afirmaram os camponeses.

O bispo sugeriu que havia insatisfação com o tipo de vida que o pastor levava.

Os camponeses defenderam-no em uníssono. O pastor da paróquia era jovem e não havia nada de errado com ele. Não, se continuasse a pregar como havia feito naquele dia, não haveriam de trocá-lo nem mesmo pelo bispo.

Não havia nenhum reclamante, de forma que não poderia haver juiz nenhum.

O pastor sentiu o coração se enternecer e o sangue voltar a correr leve pelas veias. Ah, saber que não estava mais entre inimigos, saber que os havia conquistado, quando já não imaginava continuar a ser pastor!

Ao fim da inspeção, o bispo, os pastores escolares, os prebostes e os homens mais eminentes da paróquia jantaram na casa pastoral.

Uma das mulheres da vizinhança havia se encarregado dos preparativos para o jantar, uma vez que o pastor era solteiro. Tinha cuidado de tudo da melhor forma possível, e o pastor surpreendera-se ao ver que a casa já não parecia tão sinistra. A longa mesa de jantar estava posta no pátio, sob a copa dos espruces, e parecia muito agradável com a toalha branca, a porcelana azul e branca, os copos polidos e os guardanapos dobrados. Duas bétulas debruçavam-se por cima da entrada, havia ramos de zimbro a enfeitar o chão do vestibulo, a cumeeira estava decorada com uma guirlanda de flores, em todos os cômodos havia flores, o cheiro de bolor se dissipara e os vidros esverdeados das janelas reluziam agradavelmente ao sol.

O coração do pastor se encheu de alegria. Ele pensou que nunca mais iria beber.

Não havia ninguém que não estivesse alegre naquela mesa de jantar. Aqueles homens, que tinham se mostrado tolerantes e generosos, estavam alegres, e também estavam alegres os mais distintos pastores por terem escapado de todo e qualquer escândalo.

O caridoso bispo ergueu o copo e disse que havia embarcado naquela viagem com a consciência pesada, uma vez que ouvira rumores desagradáveis. Tinha partido imaginando encontrar um Saulo, mas eis que Saulo já estava transformado em Paulo, em um homem que haveria de trabalhar

mais do que todos os outros. E o pio senhor continuou a falar sobre os muitos talentos daquele irmão mais jovem, e também a elogiá-lo. Não para que se tornasse arrogante, mas para que pudesse envidar todos os esforços e vigiar a si mesmo, como devem fazer todos aqueles que carregam um fardo deveras pesado e precioso nas costas.

O pastor não se embriagou durante o jantar, mas bebeu o suficiente para sentir-se alterado. Uma felicidade enorme e inesperada subiu-lhe à cabeça. O céu havia permitido que a língua de fogo da inspiração chamejasse acima dele, e as pessoas haviam retribuído com amor. O sangue continuou a correr-lhe pelas veias com o calor da febre e a uma velocidade impressionante, mesmo quando a noite caiu e os convivas partiram. Durante a madrugada, ele sentou-se no quarto, ainda desperto, e deixou que o ar noturno entrasse pela janela aberta para resfriar aquela febre de bem-aventurança, aquela agitação deliciosa que o impedia de dormir.

De repente uma voz se fez ouvir.

– Estás acordado, pastor?

Um homem atravessou o gramado e aproximou-se da janela. O pastor olhou para fora e reconheceu o capitão Kristian Bergh, um de seus fiéis companheiros de bebedeira. O capitão Kristian era um homem sem rumo e sem posses, e um verdadeiro gigante no porte e nas forças. Era grande como o monte Gurlita e estúpido como um *troll* da montanha.

– Claro que estou de pé, capitão Kristian – respondeu o pastor. – Achas que esta é uma noite para se dormir?

E ouça agora o que o capitão Kristian respondeu ao pastor! Esse gigante tinha lá seus pressentimentos, e havia compreendido que o pastor estava pronto para mais uma bebedeira. Ele nunca mais teria sossego, pensou o capitão Kristian, pois aqueles pastores escolares de Karlstad, que já lhe haviam feito uma visita, podiam voltar a qualquer momento e retirar-lhe a batina, caso bebesse.

Mas naquela altura o capitão Kristian já havia pesado a mão para atingir um fim nobre, já tomara as providências necessárias para que aqueles pastores escolares nunca mais voltassem – nem eles nem o bispo. Dora-vante o pastor e seus amigos poderiam beber o quanto quisessem na casa pastoral.

Ouçã que grande façanha levou a efeito Kristian Bergh, esse possante capitão! Quando o bispo e os dois pastores escolares subiram na carruagem fechada e as portas estavam bem, bem fechadas, o próprio capitão

ocupou o assento do cocheiro e os conduziu por 2 ou 3 léguas naquela noite clara de verão.

E então Kristian Bergh fez com que os reverendos sentissem como são frágeis as amarras que mantêm a vida presa ao corpo do homem. Em meio a uma carreira desatinada, deixou que os cavalos galopassem. Era o que mereciam por não tolerarem que um homem honrado se embriagasse.

Acha que o capitão os levou pelo caminho, acha que evitou os solavancos? Pois ele passou por cima de sulcos e de terrenos irregulares, avançou em um galope desenfreado morro abaixo, correu ao longo da orla de maneira que a água revolteasse em torno das rodas, esteve prestes a atolar no palude e desceu por rochas nuas de maneira que os cavalos andassem com as patas rígidas e escorregassem. E durante todo esse tempo o bispo e os pastores escolares mantinham-se com o rosto pálido atrás das cortinas de couro, murmurando súplicas. Jamais haviam feito viagem pior.

E imagine a expressão naqueles rostos quando chegaram à estalagem de Rissäter, vivos, porém sacudidos como chumbo numa bolsa de couro!

– O que significa isso, capitão Kristian? – perguntou o bispo assim que abriu a porta da carruagem.

– Significa que o bispo deve pensar duas vezes antes de fazer outra visita a Gösta Berling – respondeu o capitão Kristian, que havia pensado na frase de antemão para não errar.

– Avise então a Gösta Berling – disse o bispo – que nem eu nem nenhum outro bispo vamos tornar a visitá-lo!

Veja, foi essa bravata que o possante capitão Kristian contou ao pastor ainda de pé junto à janela em meio àquela noite de verão. Pois o capitão Kristian tinha acabado de ir à estalagem com os cavalos e de voltar para dar as boas-novas ao pastor.

– Podes agora ficar tranquilo, meu pastor e irmão – disse.

Ah, capitão Kristian! Os pastores escolares tinham ficado com o rosto pálido atrás da cortina de couro, mas naquela noite clara de verão o pastor deu a impressão de estar ainda mais pálido que eles. Ah, capitão Kristian!

O pastor chegou a erguer o braço e esteve prestes a desferir uma terrível bofetada contra o rosto tosco e estúpido daquele gigante, porém se deteve. Fechou a janela com um estrondo e parou no meio do cômodo, brandindo o punho cerrado.

Ele, um homem para quem a língua de fogo da inspiração havia chamejado, ele, que havia proclamado a glória de Deus, de repente pensou que Deus só podia estar brincando com ele.

Acaso o bispo não havia de crer que o capitão Kristian fora enviado por ordem do pastor? Acaso não havia de crer que passara o dia inteiro às voltas com mentiras e hipocrisias? A partir daquele momento, o bispo haveria de levar a sério a investigação contra ele; a partir daquele momento, haveria de suspendê-lo e destituí-lo.

Quando a manhã chegou, o pastor não estava em casa. Não se preocupara em estar lá para apresentar sua defesa. Deus havia brincado com ele. Deus não queria ajudá-lo. Ele sabia que acabaria por ser destituído. Era a vontade de Deus. Seria melhor aceitá-la de uma vez por todas.

Tudo isso se passou no começo do século XIX, em uma paróquia distante localizada no oeste da província de Värmland.

Foi a primeira agrura que se abateu sobre Gösta Berling; porém não a última.

Para os potros que não aguentam esporas e chicotes a vida é árdua. A cada dor que os aflige, disparam em carreira por caminhos fortuitos rumo ao fundo do abismo. Assim que o caminho torna-se pedregoso e a viagem preocupante, não sabem fazer mais que derrubar a carga e correr em desvario.

PRÓLOGO II: O MENDIGO

EM UM DIA FRIO DE DEZEMBRO UM MENDIGO SURTIU VAGANDO PELOS MORROS de Broby. Trajava os mais sórdidos andrajos e usava sapatos tão gastos que a neve fria umedecia-lhe os pés.

O Löven é um lago longo e delgado em Värmland, que em dois ou três pontos afunila-se em estreitos longos e delgados. Ao norte, sobe rumo às florestas dos finlandeses, e ao sul desce rumo ao lago Vänern. Muitas paróquias estendem-se ao longo dessas margens, mas a paróquia de Bro é a maior e a mais rica. Ocupa boa parte das orlas do lago, tanto na margem leste como na margem oeste, mas é na margem oeste que se encontram as maiores casas senhoriais, como Ekeby e Björne, conhecidas pela opulência e pela beleza, e o grande povoado de Broby, servido por estalagem, tribunal, comissariado, casa pastoral e mercado.

Broby fica em uma encosta íngreme. O mendigo passara em frente à estalagem, localizada no pé do morro, e arrastava-se em direção à casa pastoral, localizada no ponto mais alto.

À frente, no morro, seguia uma menininha que puxava um trenó carregado com um saco de farinha. O mendigo apressou-se em alcançar a menina e pôs-se a falar com ela.

– Que potrinha tão pequena para uma carga tão grande! – disse.

A criança virou-se e olhou para ele. Era uma menina de cerca de 12 anos com olhos atentos e penetrantes e lábios apertados.

– Quisesse Deus que a potrinha fosse menor e a carga maior, porque assim duraria mais – respondeu a menina.

– Então é tua própria comida que levas para casa?

– Com a graça de Deus. Preciso arranjar minha própria comida, por menor que eu seja.

O mendigo pôs a mão na parte traseira do trenó para empurrá-lo.

A menina virou-se e o encarou.
– Não penses que ganharás algo em troca disso – ela disse.
O mendigo começou a rir.
– Tu deves ser a filha do pastor de Broby – ele disse.
– Sou mesmo. Muitos têm pais mais pobres, mas ninguém tem um pior.
É a mais pura verdade, embora seja uma vergonha que a própria filha dele precise dizer isso.
– Dizem que é um homem avaro e malvado, o teu pai.
– Avaro ele é, e malvado também, mas a filha deve ser ainda pior enquanto viver, segundo dizem por aí.
– E pelo que estou vendo as pessoas têm razão. Mas o que eu queria mesmo saber é onde arranjaste esse saco de farinha.
– Não vai fazer muita diferença se eu contar. Eu peguei os grãos do celeiro do meu pai hoje pela manhã e estou voltando do moinho.
– E ele não poderá ver-te quando apareceres com o saco?
– Abandonaste a escola demasiado cedo. O meu pai está fazendo visitas à paróquia, entendes?
– Alguém está subindo o morro atrás de nós. Ouço o rumor das pranchas. Imagina se for ele!
A menina escutou e olhou ao redor, e então começou a chorar.
– É o meu pai – ela fungou. – Ele vai me matar. Ele vai me matar.
– Enfim, agora os bons conselhos são preciosos, e os conselhos rápidos, mais valiosos do que ouro e prata – disse o mendigo.
– Escuta – disse a menina –, tu podes me ajudar. Pega a corda e puxa o trenó, porque assim o meu pai vai pensar que é teu.
– Mas depois o que eu vou fazer com isso? – perguntou o mendigo, passando a corda por cima do ombro.
– Carrega-o para onde quiseres, mas leva-o à casa pastoral depois que escurecer! Eu posso cuidar de ti. Mas precisas levar o saco e o trenó, entendido?
– Vou tentar.
– Deus tenha piedade de ti, caso não apareças! – gritou a menina enquanto corria para longe, apressando-se para chegar em casa antes do pai.
O mendigo virou o trenó com o coração pesado e o levou até a estalagem.
O coitado havia se entregado a um sonho enquanto caminhava pela neve com os pés quase descalços. Estava caminhando e pensando nas grandes florestas a norte do Löven, nas grandes florestas dos finlandeses.

Lá, na paróquia de Bro, onde naquele momento andava ao longo do estreito que liga as águas do Övre Löven ao Nedre Löven, naquela região famosa pela riqueza e pela alegria, onde há uma casa senhorial ao lado da outra, fundição ao lado de fundição, lá todos os caminhos eram demasiado árduos, todos os cômodos demasiado exíguos, todas as camas demasiado duras para ele. Lá não lhe restava mais do que ansiar com amargura pela serenidade das grandes florestas eternas.

Lá ele ouvia ruídos no interior de cada celeiro, como se o debulhar dos grãos jamais chegasse ao fim. Carregamentos de madeira e trenós repletos de carvão deixavam sem parar aquelas florestas inexauríveis. Incontáveis cargas de minério eram transportadas pelos fundos sulcos da estrada, marcada por centenas de outras rodas. Ele viu trenós repletos de gente apressarem-se de uma propriedade a outra, e sentiu como se a alegria segurasse as rédeas e a beleza e o amor deslizassem sobre aquelas pranchas. Ah, como aquele coitado ansiava pela serenidade das grandes florestas eternas!

Era por lá, onde as árvores se erguem a prumo como pilares no terreno plano, onde a neve repousa em camadas ponderosas sobre os galhos imóveis, onde o vento perde as forças e não faz mais do que brincar em silêncio com as agulhas das copas altaneiras, era por lá que desejava perambular cada vez mais, até que um dia as forças lhe faltassem e ele caísse sob as grandes árvores para morrer de fome e frio.

Ansiava pelo grande e sussurrante túmulo às margens do Löven, onde seria vencido pelas forças da aniquilação, onde enfim a fome, o frio, o cansaço e a aguardente poderiam desfazer aquele pobre corpo, que a tudo havia suportado.

Ele chegou à estalagem e quis passar a noite ali. Entrou na taverna e sentou-se para sucumbir a um descanso letárgico no banco junto à porta, sonhando com as florestas eternas.

A estalajadeira solidarizou-se com o homem e ofereceu-lhe um gole de aguardente. Chegou mesmo a oferecer-lhe uma segunda dose, ao ver que pedia com tanta insistência.

Mas não quis dar-lhe mais do que isso, e o mendigo então desesprou-se. Precisava beber mais daquela aguardente forte e doce. Precisava sentir mais uma vez o coração dançar no peito e os pensamentos arderem na embriaguez. Ah, o doce produto do grão! O sol do verão, o canto dos pássaros no verão, o perfume e a beleza do verão pairavam em meio àquela

onda branca. Mais uma vez, antes de sumir em meio à noite e à escuridão, queria beber do sol e da felicidade.

E então trocou primeiro a farinha, depois o saco de farinha e enfim o trenó por copos de aguardente. Em troca, conseguiu uma boa embriaguez e dormiu a maior parte da tarde em um banco da taverna.

Ao acordar, compreendeu que lhe restava apenas uma coisa a fazer. Posto que aquele corpo miserável assumira por completo o controle de sua alma, posto que teria bebido qualquer coisa que uma criança lhe confiasse, posto que era uma vergonha para o mundo, a única coisa a fazer seria livrar o mundo de tanta miséria. Era preciso devolver a liberdade à própria alma e permitir que ela se encontrasse com Deus.

Ele sentou-se no banco da taverna e começou o julgamento de si mesmo: “Gösta Berling, pastor destituído, acusado de ter bebido a farinha de uma criança faminta, foi condenado à morte. Que morte? A morte nos montes de neve”.

Ele pegou a touca e saiu aos tropeços. Não estava nem de todo desperto nem de todo sóbrio. Chorou com pena de si mesmo, com toda a pobre alma conspurcada que havia de libertar.

Ele não foi longe e não se desviou do caminho. Já na beira da estrada havia um monte de neve bastante alto. Foi dali que se jogou para a morte. Fechou os olhos e tentou dormir.

Ninguém sabe quanto tempo passou lá deitado, mas ainda estava vivo quando a filha do pastor de Broby chegou correndo pela estrada carregando um lampião e o encontrou no monte de neve à beira da estrada. Tinha-o esperado horas a fio. Naquele momento, havia descido os morros de Broby na tentativa de encontrá-lo.

Ela o reconheceu de pronto, e então começou a sacudi-lo e a gritar com todas as forças para acordá-lo.

Precisava saber o que tinha feito com o saco de farinha.

Precisava chamá-lo de volta à vida por um instante que fosse, para que assim o homem pudesse contar-lhe que fim haviam levado o trenó e o saco de farinha. O doce pai haveria de dar-lhe uma surra tremenda caso houvesse perdido o trenó. Ela mordeu um dos dedos do mendigo e arranhou-lhe o rosto enquanto gritava desesperadamente.

De repente uma pessoa montada em um trenó surgiu na estrada.

– Quem diabos está gritando desse jeito? – perguntou uma voz ríspida.

– Eu quero saber o que esse sujeito fez com o meu saco de farinha e o

meu trenó – disse a menina, fungando, enquanto batia com os punhos fechados no peito do mendigo.

– Ele está congelado, e o esmurras desse jeito? Levanta-te daí, fera!

A pessoa era uma mulher grande e grosseira. Ela desceu do trenó e aproximou-se do monte de neve. Agarrou a menina pela nuca e jogou-a na estrada. Depois se abaixou, passou os braços por baixo do corpo do mendigo e o levantou. Então levou-o até o trenó e o instalou lá dentro.

– Vem comigo até a estalagem, fera – a mulher gritou para a filha do pastor –, para que possamos ouvir o que tens a dizer sobre essa história!



Uma hora mais tarde o mendigo estava sentado em uma cadeira junto à porta no melhor quarto da estalagem, tendo à frente a mulher decidida que o havia resgatado da neve.

Vê-la como Gösta Berling a viu naquele momento, voltando dos fornos de carvão para casa, com as mãos cheias de fuligem e um cachimbo de barro na boca, vestida com um casaco de couro de ovelha curto e sem forro e uma saia listrada de lã feita em casa, com sapatos de casca de bétula nos pés e uma bainha de faca no busto, vê-la como a viu, com os cabelos grisalhos, penteados para trás acima do rosto velho e bonito, foi como imaginá-la nas mil vezes em que a ouvira descrita, e ele compreendeu que havia topado com a célebre esposa do major de Ekeby.

Era uma das mulheres mais poderosas de Värmland, senhora de sete fundições, acostumada a dar ordens e a ser obedecida, enquanto ele não passava de um pobre-diabo condenado à morte, privado de tudo, e ciente de que para si todos os caminhos eram demasiado árdios, todos os cômodos demasiado exíguos. O corpo dele tremia de desconforto enquanto o olhar da mulher o fixava.

Ela manteve-se em silêncio e olhou para a miséria humana que tinha diante de si, para as mãos vermelhas e inchadas, para a figura embarrada e para aquela cabeça maravilhosa, que mesmo na indignidade e na decadência reluzia com uma beleza indômita.

– O senhor é Gösta Berling, o pastor louco? – a mulher perguntou.

O mendigo manteve-se imóvel.

– Eu sou a senhora de Ekeby.

Um tremor percorreu o corpo do mendigo. Ele juntou as mãos e levantou o rosto, com um olhar repleto de anseio. O que ela faria com ele? Será que o forçaria a viver? Ele tremia perante aquela força. Mesmo assim, tinha estado muito perto da serenidade das florestas eternas.

A mulher começou a batalha dizendo-lhe que a filha do pastor conseguira recuperar o trenó e o saco de farinha, e que ela, a esposa do major, tinha abrigo para ele e para muitos outros coitados que não dispunham de um teto na ala masculina em Ekeby. Ofereceu-lhe uma vida de prazer e sossego, mas ele respondeu que tinha de morrer.

Então ela bateu com o punho fechado em cima da mesa e disse-lhe exatamente aquilo que pensava.

– Ah, muito bem, o senhor tem de morrer, então? Eu não me espantaria, se para início de conversa o senhor estivesse vivo. Veja! Com esse corpo esquelético, esses braços débeis e esses olhos baços, o senhor acha que ainda lhe falta morrer outra coisa! O senhor acaso pensa que é um requisito indispensável estar deitado com o corpo enrijecido e pregado sob a tampa de um caixão para estar morto? Acaso pensa que não estou aqui vendo o quanto o senhor está morto, Gösta Berling?

“Pois o que vejo é que o senhor tem uma caveira no alto do pescoço, e acredito que os vermes rastejem nas suas órbitas. O senhor não sente a boca cheia de terra? Não ouve o bater dos ossos quando se movimenta?”

“O senhor afogou-se na aguardente, Gösta Berling, e já se encontra morto.

“Aquilo que se movimenta no senhor são apenas os ossos de um morto, e o senhor não quer permitir-lhes que vivam; mas será mesmo adequado chamar isso de vida? Parece antes que o senhor invejaria os mortos por uma dança em cima dos montes tumulares em uma noite estrelada.

“O senhor se envergonha de ter sido destituído, e por isso quer morrer agora? Parece-me que seria mais honroso empregar seus dons e tornar-se útil na terra fértil de Deus. Por que não veio diretamente até mim, para que eu arrumasse tudo para o senhor? Ora, em vez disso o senhor espera a pompa de ser amortilhado, posto em cima da serragem e chamado de belo cadáver?”

O mendigo permaneceu sentado e quieto, quase sorridente, enquanto a mulher fazia ribombar essas palavras de fúria. Não é nada, ele regozijou-se, não é nada! As florestas eternas me aguardam, e essa mulher não tem o poder de alterar o curso de minha alma.

A esposa do prefeito, porém, calou-se e deu mais uns passos pelo cômodo. Por fim acomodou-se ao pé da estufa, apoiou os pés na soleira, firmando os cotovelos nos joelhos.

– Com mil demônios! – ela disse, rindo por dentro. – Eu disse mais verdade do que sabia. Por acaso não acha, sr. Gösta Berling, que as pessoas neste mundo estão em boa parte mortas ou moribundas? O senhor acha que estou viva? Ah, não! Ah, não!

“Olhe bem para mim! Sou a senhora de Ekeby, e provavelmente a mulher mais poderosa em toda a província de Värmland. Se eu mexer um dedo, o governador vem correndo; se eu mexer dois, vem o bispo; se eu mexer três, todos os chefes da Igreja, os magistrados e todos os patrões das fundições de Värmland dançam polca no mercado de Karlstad. Mas com mil demônios, rapaz... eu digo que não sou nada além de um cadáver vestido. Só Deus sabe como é pouca a vida que me resta.”

O mendigo inclinou o corpo à frente, ouvindo-a com toda a atenção. A velha senhora balançava-se em frente ao fogo. Não olhava para ele ao falar.

– O senhor não acha – a mulher prosseguiu – que se eu fosse uma pessoa viva e o visse aí sentado, miserável e abatido, às voltas com ideias de suicídio, o senhor não acha que eu devia afastá-las imediatamente? Nesse caso eu teria lágrimas e orações capazes de virá-lo de cabeça para baixo, e assim salvaria uma alma, mas acontece que estou morta.

“O senhor já ouviu dizer que outrora fui a bela Margareta Celsing? Não foi ontem, mas às vezes ainda choro por ela até os meus olhos ficam vermelhos. Por que Margareta Celsing morreu enquanto Margareta Samzelius vive? Por que vive a senhora de Ekeby? Diga-me, Gösta Berling!”

“O senhor por acaso sabe como era Margareta Celsing? Era uma moça esbelta, tímida e inocente, Gösta Berling. Uma daquelas em cujo túmulo os anjos põem-se a chorar.

“Não conhecia o mal, ninguém lhe causara tristezas e era boa com toda a gente. E também era linda, linda de verdade.

“Foi um homem imponente chamado Altringer. Só Deus sabe como ele foi parar em meio à natureza de Älvdalen, onde os pais dela tinham uma fundição. Margareta Celsing o viu: e ele era um homem bonito e maravilhoso, que a amava.

“Mas era pobre, e os dois prometeram esperar um pelo outro durante cinco anos, como naquela canção tradicional.

“Passados três anos, surgiu outro pretendente. Era um homem feio e

repulsivo, mas os pais da moça acreditavam que era rico, e assim, prometendo mundos e fundos, com palavras e atitudes duras, obrigaram Margareta Celsing a desposá-lo. Foi nesse dia que Margareta Celsing morreu.

“Desde então já não existe Margareta Celsing, apenas a sra. Samzelius, e ela não era boa, não era tímida e acreditava com todas as forças no mal, ao passo que pouco se importava com o bem.

“E tu sabes muito bem o que aconteceu depois. Passamos a morar em Sjö, aqui perto do lago Löven, o major e eu. Mas ele não era rico, como as pessoas dizem. Com frequência eu tinha momentos difíceis.

“Então Altringer voltou, dessa vez rico. Tornou-se senhor de Ekeby, na divisa com Sjö. E tornou-se senhor de outras seis propriedades às margens do Löven. Era um homem dedicado, cheio de vida... um homem maravilhoso.

“Ele nos ajudou a enfrentar a pobreza: andávamos nas suas carruagens, ele mandava víveres para a nossa cozinha, vinho para a nossa despensa. Enchia a minha vida de festejos e deleites. O major teve de ir para a guerra, mas isso pouco importava! Num dia eu era convidada em Ekeby, no dia seguinte Altringer me visitava em Sjö. Ah, era como uma longa e prazerosa dança às margens do Löven!

“Mas corriam boatos maldosos a respeito de mim e de Altringer. Se Margareta Celsing ainda estivesse viva nessa época, teria sofrido muito, porém eu não senti nada. Mas eu ainda não tinha compreendido que era por estar morta que eu me sentia tão indiferente.

“Depois os boatos a nosso respeito chegaram ao meu pai e à minha mãe enquanto os dois andavam pelas carvoarias na floresta de Älvdalen. Minha mãe não parou um segundo para refletir; veio direto para cá falar comigo.

“Um dia, quando o major estava fora e eu estava sentada à mesa com Altringer e outros convivas, ela chegou de repente. Eu a vi entrar na sala, mas não senti que era a minha mãe, Gösta Berling. Eu a cumprimentei como se fosse uma estranha e a convidei para sentar-se à mesa e partilhar da refeição conosco.

“Ela quis me falar como se eu fosse a filha dela, mas eu disse-lhe que estava equivocada, que os meus pais haviam morrido, que os dois haviam morrido no dia do meu casamento.

“E minha mãe entrou no jogo. Ela tinha 70 anos e havia viajado 30 léguas em três dias. Sentou-se então à mesa sem nem ao menos franzir a testa e serviu-se de comida; ela era uma pessoa muito forte.

“Disse que era muito triste eu ter sofrido tão grande perda justamente naquele dia.

“‘O mais triste mesmo’, eu disse, ‘foi os meus pais não terem morrido no dia anterior, porque assim não teria havido casamento’.

“‘Então a senhora não está satisfeita com seu casamento?’, ela me perguntou.

“‘Estou’, eu disse. ‘Estou satisfeita. Foi uma satisfação eterna fazer a vontade dos meus queridos pais.’

“Ela perguntou se tinha sido a vontade dos meus pais que eu me cobrisse de vergonha e traísse a eles e ao meu marido. Não era exatamente motivo de honra para os meus pais tornar-me malfalada na boca de todos os homens.

“‘Cada um colhe aquilo que planta’, eu respondi. Ademais, essa senhora desconhecida tinha de compreender que não era minha intenção permitir que zombassem da filha dos meus pais.

“Comemos, as duas. Os homens ao nosso redor mantiveram-se em silêncio e não conseguiram sequer pegar os talheres.

“A senhora passou um dia inteiro na minha casa, e então se foi.

“Mas, durante todo o tempo em que a vi, não compreendi que se tratava da minha mãe. Eu sabia apenas que minha mãe estava morta.

“Na hora da partida, quando eu estava ao lado dela na escada e a carruagem havia chegado, ela me disse:

“‘Passei um dia inteiro em tua casa sem que te dirigisses a mim como tua mãe. O caminho até aqui é solitário, e foram 30 léguas em três dias. E meu corpo estremece de vergonha por ti, como que fustigado. Que sejas rejeitada como eu fui, e também renegada como eu fui! Que a estrada seja a tua casa, o feno a tua cama e a carvoaria a tua estufa! Que sejam a vergonha e a humilhação a tua recompensa, e que outros batam em ti como eu bato agora!’

“E então ela me deu um tapa no rosto.

“Mas eu a levantei, desci a escada com ela nos braços e a instalei na carruagem.

“‘Quem és tu para me amaldiçoar?’, perguntei. ‘Quem és tu para bater em mim? Eu não tolero essas coisas de ninguém.’

“E devolvi-lhe a bofetada.

“A carruagem partiu no mesmo instante, mas naquele momento eu soube, Gösta Berling, que Margareta Celsing tinha morrido.

“Ela era boa e inocente e não conhecia o mal. Os anjos teriam chorado em seu túmulo. Se tivesse vivido, jamais bateria na própria mãe.”

O mendigo junto à porta tinha ouvido, e por um instante aquelas palavras haviam vencido o murmúrio fascinante das florestas eternas. Veja que aquela senhora poderosa igualou-se a ele no pecado, irmanou-se na perdição a fim de lhe dar a coragem de viver! Tudo para que aprendesse que a culpa e a tristeza pairavam também sobre a cabeça dos outros. Ele se levantou e foi até a senhora.

– O senhor não prefere viver agora, Gösta Berling? – ela perguntou, com uma voz quebrada pelo choro. – Por que o senhor haveria de morrer? Com certeza poderia ter se tornado um bom pastor, mas o Gösta Berling que o senhor afogava em aguardente nunca foi tão imaculado quanto a Margareta Celsing que eu estrangulei tomada de ódio. O senhor não prefere viver?

Gösta caiu de joelhos em frente à senhora.

– Perdoe-me! – ele implorou. – Mas não posso.

– Eu sou velha, endurecida por muitas tristezas – respondeu a senhora –, e estou aqui, abrindo o meu coração a um mendigo que encontrei já meio congelado em um monte de neve à beira da estrada. É o quanto mereço. Pelo menos, se acabar mesmo como suicida, o senhor não há de oferecer a ninguém o testemunho dessa minha loucura.

– Senhora, eu não sou um suicida, mas um condenado pela vida. Não me dificulte ainda mais essa batalha! Eu não posso viver. Meu corpo assestou-se de minha alma, e por isso devo libertá-la, permitir que vá ao encontro de Deus.

– Ah, então o senhor acha que é para lá que sua alma vai?

– Adeus, senhora, e obrigado!

– Adeus, Gösta Berling!

O mendigo se levantou e, com a cabeça baixa, arrastou os pés até a porta. Aquela mulher tornara o caminho rumo às grandes florestas demasiado árduo.

Quando chegou à porta, ele precisou olhar ao redor. Então encontrou os olhos da senhora, que permanecia sentada em silêncio, observando-o. Nunca tinha visto tão profunda transformação em um rosto, e assim continuou a encará-la. A senhora, que havia pouco parecia furiosa e ameaçadora, estava transfigurada, e aqueles olhos brilhavam com um amor piedoso e solidário. E uma parte dele, uma parte de seu coração indômito,

de repente partiu-se ao perceber aquele olhar. Ele apoiou a testa no batente da porta, estendeu os braços por cima da cabeça e chorou como se o coração estivesse a ponto de estourar.

A senhora atirou o cachimbo na estufa e aproximou-se de Gösta. Os movimentos de repente pareciam suaves e ternos como os de uma mãe.

– Não foi nada, meu pequeno!

E ela fez com que ele a acompanhasse e se sentasse com ela no banco junto à porta, para que assim chorasse com a cabeça em seu colo.

– O senhor ainda pretende morrer?

Nesse instante o mendigo fez menção de se levantar. Foi preciso segurá-lo à força.

– Eu agora lhe digo que o senhor pode fazer como bem entender. Mas prometo-lhe que, se quiser viver, disponho-me a criar a filha do pastor de Broby e fazer dela gente, para que possa agradecer a Deus por o senhor ter lhe roubado o saco de farinha. E então, o senhor quer?

O mendigo ergueu a cabeça e olhou fundo nos olhos da mulher.

– A senhora está falando sério?

– Claro, Gösta Berling.

Então ele torceu as mãos, angustiado. Viu diante de si os olhos perscrutadores, os lábios apertados e as mãozinhas descarnadas. Enfim aquela jovem criatura teria abrigo e cuidado, e o sinal da humilhação seria apagado de seu corpo, bem como o mal de sua alma. Naquele instante a estrada que levava às florestas eternas fechou-se para ele.

– Eu não vou me matar, desde que a menina fique sob os cuidados da senhora – disse. – Afinal, eu bem sabia que a senhora me obrigaria a viver. Senti logo de cara que sua vontade era mais forte do que a minha.

– Gösta Berling! – a senhora exclamou em tom solene. – Lutei por sua vida como haveria de lutar pela minha. Eu disse a Deus: “Se existe uma Margareta Celsing ainda viva em mim, permite que ela ressurja e se revele, para que esse homem não se mate!” E ele me concedeu esse pedido, e tu a viste e por isso não pudeste ir embora. E ela sussurrou-me ao ouvido que, em nome daquela pobre criança, talvez pudesses abandonar a ideia de morrer. Fizeste voos ousados, como todos os pássaros selvagens, mas o Senhor conhece a rede que há de capturá-los.

– Deus é grande e maravilhoso – respondeu Gösta Berling. – Ele zombou de mim e me abandonou, mas não quis deixar que eu morresse. Seja feita a vontade dele!

A partir desse dia Gösta Berling tornou-se um cavaleiro em Ekeby. Por duas vezes tentou sair de lá e fazer-se por si mesmo, para viver do próprio trabalho. Na primeira vez a senhora deu-lhe uma pequena propriedade nos arredores de Ekeby. Ele se mudou para lá com a intenção de viver como trabalhador. Funcionou por um tempo, mas logo ele se cansou da solidão e da labuta diária e tornou a viver como cavaleiro. A segunda vez foi quando assumiu o cargo de tutor do conde Henrik Dohna, em Borg. Durante essa época, apaixonou-se pela jovem Ebba Dohna, irmã do conde, mas, quando ela morreu, justo quando Gösta acreditava estar prestes a conquistá-la, ele abandonou a ideia de ser qualquer outra coisa além de cavaleiro em Ekeby. Tinha a impressão de que para um pastor destituído todas as estradas para a salvação estavam fechadas.

○ PANORAMA

DEVO AGORA DESCREVER O EXTENSO LAGO, A RICA PLANÍCIE E AS MONTANHAS azuis, pois essa era a paisagem em meio à qual Gösta Berling e os cavaleiros de Ekeby passavam sua alegre existência.

O lago tem origem mais ao norte, e aquela é uma região maravilhosa para um lago. A floresta e as montanhas jamais param de colher-lhe água, e os córregos e riachos deságuam nele durante o ano todo. O lago se estende sobre uma areia fina e branca, e tem ilhotas e promontórios para refletir e admirar; espíritos da água e ninfas do lago andam livremente por lá, e depressa o lago torna-se grande e belo. No norte ele é alegre e amistoso: basta vê-lo em uma manhã de verão, ainda meio sonolento sob o véu de névoa, para notar o quanto está contente. A princípio talvez decepcione, mas aos poucos, aos poucos o lago rasteja para longe daquele envoltório, tão bonito e tão místico que mal se pode reconhecê-lo, e logo atira toda a capa para longe e revela-se nu, despido e rosado enquanto cintila na luz matinal.

Mas o lago não se contenta com essa vida de brincadeiras e afunila-se em um estreito delgado, abre caminho em meio a montes de areia no sul e busca para si um novo reino. E de fato o encontra; torna-se maior e mais amplo, tem enormes profundezas a preencher e um panorama exigente a embelezar. Mas nesse ponto a água torna-se mais escura, a orla menos irregular, o vento mais forte e o caráter todo mais austero. Trata-se de um lago imponente e maravilhoso. Muitas são as embarcações e as jangadas de troncos que por lá singram, e depois o lago se recolhe ao descanso de inverno, que raramente começa antes do Natal. Muitas vezes está de mau humor, e nessas horas espuma, branco de raiva, fazendo naufragar os veleiros, mas por vezes também sucumbe a uma tranquilidade sonhadora, espelhando o céu.

O lago, porém, quer seguir mais adiante mundo afora, mesmo que as montanhas tornem-se mais escarpadas e o espaço mais estreito à medida